

Cultura, Desenvolvimento e Turismo em Celso Furtado: de uma revisão bibliográfica à aplicação teórica

Cíntia Raquel Soares Pinheiro¹

Luiz Eduardo Simões de Souza²

RESUMO

O presente estudo constitui-se de uma pesquisa teórica preliminar a partir do ponto de vista do autor Celso Furtado. Ainda que o autor nunca tenha citado a atividade turística em seus ensaios, suas análises servem de subsídio para o estudo do Turismo de Base Comunitária do ponto de vista do desenvolvimento endógeno e da dimensão cultural. O Turismo quando empregado com políticas públicas corretas e planejadas, propicia a geração de emprego e renda, podendo ser um instrumento propulsor para o desenvolvimento da economia em localidades com potencial turístico. Reitera-se a necessidade de estudos mais aprofundados que utilizem as obras do Celso Furtado que, como dito, fornece aos pesquisadores um material substancial para estudos e práticas turísticas.

PALAVRAS-CHAVES: Desenvolvimento, Cultura, Turismo. Celso Furtado

ABSTRACT

This study consisted of a preliminary theoretical research from the point of view of the author Celso Furtado . Although the author has never mentioned the tourist activity in its trials. Its analyzes provided basic information for the study of Community-Based Tourism from the perspective of endogenous development and cultural dimension. Tourism when used with correct public policies and planned , allows the generation of employment and income , and may be a propellant tool for economic development in localities with tourism potential . It reiterates the need for further studies using the works of Celso Furtado who , as said, gives researchers a substantial material for studies and tourism practices

KEYWORDS: Development. Culture. Tourism. Celso Furtado

1 Mestranda do Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico da Universidade Federal do Maranhão. E-mail: cintiapinheiro03@hotmail.com

2 Professor Adjunto da Universidade Federal do Maranhão. E-mail: luizedusouza@gmail.com.

1. Introdução

As configurações históricas e econômicas das relações sociais produtivas foram objeto de estudo da vida de Celso Furtado. Porém, o autor não se manteve apenas no plano acadêmico como também teve estreito envolvimento político. Ainda que o período da SUDENE nos anos 1950, ou do Ministério do Planejamento de João Goulart (1963), ou mesmo os tempos da formação da CEPAL nos anos 1950 – 1960, e o período como professor da Universidade de Paris X nos anos 1970 atraíam a maior parte dos interessados na vida e obra de Celso Furtado, um período subestimado, mas ainda relevante de sua trajetória se apresenta quando foi Ministro da Cultura no Governo de José Sarney (1985 - 1989).

Ao longo dos seus estudos, Furtado aprimorou o conceito de desenvolvimento, analisando-o sob múltiplas esferas e pioneiramente abordou o enfoque da dominação cultural e suas implicações nas sociedades desenvolvidas, como se pode observar desde *Desenvolvimento e Subdesenvolvimento*, livro de 1962.

O advento da globalização e a visibilidade de malefícios resultantes de explorações predatórias com o único intuito de acumulação de capital, fizeram com que as nações adotassem posturas mais sustentáveis, que não provessem lucros imediatos e esgotamento de recursos, mas que possam garantir as gerações presentes e futuras, condições de se desenvolver economicamente. Para Furtado, o Estado tem um papel importante nessa configuração, onde o planejamento e as estratégias são direcionadas para o bem coletivo da população e não somente de uma minoria que detém o poder.

Seus ensaios não abordam a atividade turística de forma específica, mas através deles, os pesquisadores podem se basear em um profícuo e denso material teórico que pode servir de base para muitos debates nesse campo ainda pouco explorado.

Contudo, em vários momentos de suas obras específicas sobre o desenvolvimento, e também em incursões esparsas sobre o tema da cultura em sentido amplo, o economista mostrou um entendimento muito mais amplo do que se espera do pensamento de área, sobretudo em tempos de extrema especialização como os atuais.

Este estudo não tem a intenção de esgotar o material deixado pelo autor. Ao contrário, é o pontapé inicial para pesquisas ulteriores que complementem o entendimento das contribuições de Celso Furtado em áreas o Turismo, por exemplo. No caso destas notas para discussão, apontamos para a visão multicultural e o reconhecimento do papel das comunidades tradicionais da parte de Celso Furtado como motores para o desenvolvimento, partindo da concepção ulterior deste de que subdesenvolvimento seria um processo cultural. Sua superação, assim, também se daria na esfera da Cultura. Considerando-se o papel cultural do Turismo, para além do caráter mercadológico do Turismo-Mercadoria, é possível compreendê-lo como um vetor e um meio de interação cultural que permitiria em última análise, a superação do subdesenvolvimento.

2. As contribuições de Celso Furtado para a Cultura e o Desenvolvimento

Para tratar de aspectos sobre a cultura, Celso Furtado buscou aprofundar-se em conceitos de outras ciências, tais como a sociologia e a antropologia, de forma a visualizar a cultura de forma sistêmica. Essas áreas são atreladas a economia, embora ainda pouco explorado por autores da área. Por seus estudos, Celso Furtado conseguiu elaborar uma gama de textos, livros e artigos que exploram a cultura e a formação cultural brasileira e, para isso, precisou fazer um apanhado da formação histórica do Brasil. Em linhas gerais, o Brasil foi explorado por culturas dominantes europeias, haja vista, tal dominação ainda é visível nos dias de hoje. Como nos diz Furtado:

“assim, desprezado pelas elites, o povo continua seu processo formativo com considerável autonomia, o que permitirá que as raízes não europeias de sua cultura se consolidem e que sua força criativa se expanda menos inibida, em face da cultura da classe dominante.” (Furtado. 1984. Pg. 23)

Dessa forma, expõe-se um primeiro dualismo da formação cultural brasileira. De um lado: a cultura dos povos de origem indígena, de outro, colonizadores

europeus que impunham à força sua cultura. Além disso, fica claro o distanciamento entre elite e povo também presente em outros contextos.

No contexto acima explicitado, a elite denota civilidade, e o povo, o atraso. (Furtado. 1984, Pg. 32) *“é certo que um maior acesso a bens culturais melhora a qualidade da vida de membros de uma coletividade. Mas, se fomentado indiscriminadamente, pode frustrar formas de criatividade e descaracterizar a cultura de um povo. ”*

Sabe-se também, que o Brasil enquanto colônia nos princípios de sua formação, foi explorado por suas riquezas materiais e o povo aqui presente, escravizado para enriquecer os colonizadores e suas nações. Nas palavras do autor: *“Desenvolvimento é a utilização de um excedente”*. (Furtado, 2012. Pg. 32). À medida em que os países periféricos, tentam acompanhar o ritmo de acumulação dos países centrais, surge o aumento do abismo entre elite e povo.

Para Furtado, o Desenvolvimento está atrelado tanto à acumulação de capital, quando ao progresso tecnológico que conferem poder aos que os detém.

“O processo de acumulação é o eixo em torno do qual evolui não somente a economia capitalista, mas o conjunto das relações sociais em todas as sociedades em que se implantou a sociedade industrial. A continuidade desse processo requer permanentes transformações nos estilos de vida, no sentido da diversificação e sofisticação. Difundir padrões de consumo, antes reservados a uma minoria, também abre a porta a possibilidade de acumulação. Mas é a discriminação entre os consumidores que permite ao sistema de incentivo alcançar sua máxima eficácia” (Furtado, 1978, p.46-47).

Ao longo de sua obra, como característica de seu método de abordagem, Furtado realiza diversos apanhados históricos para explicar o abismo que existe entre nações desenvolvidas e subdesenvolvidas e as mazelas decorrentes do acúmulo de produção capitalista nas sociedades periféricas. Para além de um processo mecânico ou fortuito – extremos encontrados em padrões de análise limitados sobre o desenvolvimento – Furtado chama a atenção para a complexidade das relações sociais, econômicas e culturais e nos apresenta o conceito do “sistema de cultura” que será aprofundado mais adiante.

“Na fase em que nos encontramos, de explosão dos meios de comunicação, o processo de globalização do sistema de cultura terá que ser cada vez mais rápido, tudo nos leva a crer que estamos fechando o ciclo que se abriu no século XVI. Todos os povos lutam para ter acesso ao patrimônio cultural comum da humanidade, o qual se enriquece permanentemente. Resta saber quais serão os povos que continuarão a contribuir para esse enriquecimento e quais aqueles serão relegados ao papel passivo de simples consumidores de bens culturais adquiridos nos mercados. Ter ou não ter direito a criatividade, eis a questão” (Furtado, 1984, p.25).

Tardamente e de forma incipiente, a sociedade moderna tenta romper esses laços de dominação e promover um desenvolvimento efetivo que conserve a cultura dos povos.

“De uma maneira geral, todas as formas que assume a criatividade humana podem ser postas a serviço do processo de acumulação. Mas são aquelas cujos resultados são por natureza cumulativos – a ciência e a tecnologia – que melhor satisfazem as exigências desse processo, o que lhes vale o lugar privilegiado que ocupam na civilização industrial”. (FURTADO, 1978, p. 86).

Podemos visualizar, então, que a acumulação é o insumo do processo de desenvolvimento e que a cultura, também pode, e é, um insumo que concomitantemente ajudará no processo de desenvolvimento de uma sociedade.

De maneira simplificada, Furtado nos exemplifica esse processo:

“Uma pintura não pode ter um valor de oferta medido pelo custo de produção. Neste sentido, ela vale o que determina a demanda.” (Furtado. 1992.Pg. 70).

Notadamente, a cultura não se limita apenas a aspectos visuais como uma pintura ou escultura, é mais abrangente que essas formas e está inserida na capacidade criativa de um povo e em suas articulações sociais. Valendo-se desses aspectos, Furtado (1992) tinha em mente o “sistema de cultura”, observado enquanto processo dinâmico com aspectos materiais e imateriais que incidem diretamente em mudanças nos indivíduos e na coletividade.

Este modelo, que nos dá uma visão integrada da cultura como sistema, está formulado a um nível de abstração tão alto como a hipótese de Marx. Temos a cultura dividida em dois grandes

segmentos e o desenvolvimento mais rápido da base material exigindo adequadas acomodações na superestrutura não material. [...] O que existe de fundamental e comum aos dois modelos é a constatação de que, sendo a cultura um conjunto de elementos interdependentes, toda vez que em determinadas condições históricas avança a tecnologia e se desenvolvem as bases materiais, todos os demais elementos serão chamados a ajustar-se às novas condições, ajustamentos esses que darão origem a uma série de novos processos, com repercussões inclusive sobre a base material. [...] O que interessa aqui assinalar é o reconhecimento de que o processo de rápida mudança que caracteriza a nossa cultura reflete as transformações intensivas que uma tecnologia em acelerado desenvolvimento introduz no seu processo produtivo. E enquanto estivermos neste terreno, permaneceremos dentro do marco da hipótese simplificada que formulou Marx partindo da concepção dialética da história. (FURTADO, 1964: 18-19)

Furtado acredita que mudanças culturais decorrentes da inserção de uma nova tecnologia nos processos produtivos culminam em maior dinamismo geram reações em cadeia de forma a aumentar o produto social e o excedente. O contrário também é visto, onde mudanças na cultura não-material influem sobre a cultura material. Esta hipótese é encontrada em seus ensaios sobre a dimensão cultural do subdesenvolvimento.

Não é fortuita, assim, a síntese que transparece em uma conferência de 1984 sobre cultura. Nela, Furtado entende o papel transformador da cultura sobre o subdesenvolvimento (e também seu outro sentido, qual seja o de perpetuador de suas condições), mas também reconhece que a natureza de tal papel é dado já pelo “agir pensado” do que pelo pensamento para a ação (FURTADO, 2012, p. 30). Isso explica e caracteriza muito da ação política de Celso Furtado, em sua relação com sua obra intelectual.

Nessa mesma conferência, Furtado apresenta seis teses sobre a cultura brasileira e sua relação com o subdesenvolvimento. Nelas, resumidamente, Furtado reconhece a herança histórica para com os processos dados pela expansão marítima europeia e o renascimento. Também reconhece o papel das culturas africana e indígena, sugerindo um interessante sopesamento alternativo à tese da submissão cultural dessas últimas à europeia, o que caracterizaria nossa visão exogênica do reconhecimento cultural: os portugueses, graças à tecnologia superior, teriam maior capacidade de alimentação em suas fontes culturais europeias (FURTADO, 2012, p. 36) do que as demais.

Por mais discutível que possa ser essa argumentação, não se pode deixar de reconhecer sua engenhosidade. Isso marcaria, segundo Furtado, o caráter dominante metropolitano português e europeu da formação de nossa cultura oficial, não apenas em suas estruturas de continuidade, mas também em suas rupturas. Assim Furtado considerava a constituição da indústria cultural no Brasil como objeto da modernização dependente, na qual o papel da construção de uma cultura popular com referências à maioria e diversidade de seu povo – excluído não apenas na distribuição de renda e no subdesenvolvimento, mas também nas formas e espaços de expressão cultural – seria uma tarefa a ser realizada com a necessidade de um agente poderoso, o Estado.

Como homem de ação que era, não soariam menos do que coerentes as palavras do discurso de posse como Ministro da Cultura, em 1986: *“A política cultural, em face da revolução das tecnologias de comunicação, terá de preocupar-se não apenas em democratizar o acesso aos bens culturais, mas também em defender a criatividade (2012, p. 54)”*.

3. Os processos culturais de comunidades tradicionais e o poder do capital

Como citado acima o autor nestas obras específicas não tenha se referido a atividade turística³, diversas teorias e ensinamentos estão diretamente ligados a essa atividade, mais precisamente ao Turismo de Base Comunitária que é uma alternativa ao turismo de massa⁴ e que propõe que o desenvolvimento deve ser um processo endógeno.

De maneira geral, as novas configurações da sociedade contemporânea não mais permitem a execução do modelo de desenvolvimento economicista completamente indiferentes às necessidades das populações locais

Atualmente as novas formas de desempenhar o fenômeno turístico concernem em uma busca pela construção de sociedades justas e participativas, de tal forma que

³Para Burkart & Medlik (1974) apud Barreto(2001), “o turismo é algo mais complexo que um simples negócio ou comércio, é um amálgama de fenômenos e relações, fenômenos esses que surgem por causa do movimento de pessoas e de sua permanência em vários destinos.

⁴ Ruschmann (1997) “caracteriza o turismo de massa pelo grande volume de pessoas que viajam em grupos ou individualmente para os mesmos lugares, geralmente nas mesmas épocas do ano”.

venha a proporcionar tanto aos turistas quanto aos autóctones⁵ a satisfação de suas necessidades e o desenvolvimento socioeconômico em suas múltiplas esferas.

Essa concepção perpassa a complexidade que a atividade turística está envolvida, alternando as questões econômicas, envolvidas no turismo de massa, passando a considerar também as questões sociais, culturais e ambientais, que envolvem a comunidade local.

Para Furtado (1984) *“A ideia de desenvolvimento está no centro da visão de mundo que prevalece na época atual. A partir dela, o homem é visto como um fator de transformação, tanto no contexto social e ecológico que está inserido como de si mesmo”*.

Ou seja, o processo de desenvolvimento, ainda que seja um processo de transformação, não pode ser desenvolvimento com um caráter demolidor de acumulação de capital em comunidades tradicionais. Não cabe em tais localidades, utilizar a atividade como forma de apropriação de excedentes para acumulação e enriquecimento da metrópole à maneira dos tempos do Brasil Colônia.

Comunidades tradicionais são sensíveis em suas múltiplas características, mas se possuírem vocação turística, a atividade pode, e deve, ser explorada em favor da melhoria da qualidade de vida da comunidade, da manutenção de sua cultura e com mínimos impactos sobre o meio ambiente.

Furtado nos explica o processo de dominação capitalista em sociedades e o que acontece quando o único interesse de quem detém o poder é a acumulação de capital.

“o estilo de vida criado pelo capitalismo industrial sempre será o privilégio de uma minoria. O custo em termos de depredação do mundo físico, desse estilo de vida é de tal forma elevado que toda tentativa de generalizá-lo levaria inexoravelmente ao colapso de toda uma civilização, pondo em risco as possibilidades de sobrevivência da espécie humana” (...) A ideia de desenvolvimento apenas tem sido de utilidade para mobilizar os povos da periferia e leva-los a aceitar enormes sacrifícios, para legitimar a destruição de formas culturais ‘arcaicas’, para ‘explicar’ e fazer ‘compreender a necessidade’ de destruir o meio

⁵“A comunidade autóctone, portanto, pode ser definida como aquele coletivo humano que recebe uma dupla corrente migratória: a turística e laboral; influi sobre ambas e se afetado por elas”. BENI (2002)

físico, para justificar formas de dependência que reforçam o caráter predatório do sistema produtivo” (Furtado, 1974, p. 75).

Dessa forma, *“o comportamento dos grupos que se apropriam do excedente, condicionado que é pela situação de dependência cultural em que se encontram, tende a agravar as desigualdades sociais, em função do avanço da acumulação”* (Furtado, 1974, p. 82).

É importante notar que a crítica que Furtado faz ao sistema encontra ressonância naquilo que o Turismo de Base Comunitária apregoa, enquanto afirmação de forma de expressão cultural de resistência e transformação. Devemos nos basear na relação dialética entre turista e comunidade receptora, posto que estes são considerados agentes de ação social, ambiental e cultural, regulando padrões e estilos de vida. Cultura e sociedade estariam assim, intrinsecamente relacionados em Furtado, e essa relação poderia ser uma saída para superação do subdesenvolvimento através de sua transformação.

O cerne do desenvolvimento endógeno incide na consolidação e manutenção das identidades culturais ao passo em que se explora as potencialidades criativas dessas comunidades afim de mitigar uma possível dependência cultural e imitação de padrões de consumo próprios do capitalismo.

Quando Furtado se refere a cultura como uma das bases do desenvolvimento, ele amplia a nossa noção de políticas culturais, pois além de agregar uma multiplicidade de agentes sociais, uma política orientada para o desenvolvimento cultural só pode ser implementada com o protagonismo das populações e que uma “política de desenvolvimento deve ser posta a serviço do processo de enriquecimento cultural” (FURTADO, 1984, p.32).

Podemos afirmar, então, que as políticas culturais não devem ter apenas objetivos mercantilistas, mas sim, liberar e estimular o potencial criativo das comunidades.

4. Desenvolvimento, Turismo e Cultura em Áreas de Proteção Ambiental

No tocante as áreas protegidas, no Brasil são representadas pelas denominadas Unidades de Conservação da Natureza – parques nacionais, estações ecológicas, reservas biológicas, áreas de proteção ambiental, áreas de relevante interesse ecológico, e outras – instituídas por lei que estabelece critérios e normas para a sua criação, implantação e gestão dentro do território nacional.

É interessante destacar que o turismo que é gerado nessas áreas abrange um importante potencial para a população local, além disso, uma infraestrutura de qualidade e os atrativos naturais incentivam os turistas a frequentarem áreas protegidas, além do contato próximo com a comunidade. O já citado Turismo de Base Comunitária.

Os usuários desse tipo de atrativo devem estar sempre dispostos a proteger as áreas naturais, contribuindo com o desenvolvimento sustentável dos recursos ecológicos, nunca deixando de agregar a eles valores culturais, sociais e históricos.

Há uma grande preocupação com a situação atual das áreas protegidas que requerem uma providência urgente no tocante à administração.

Para que haja uma real promoção do desenvolvimento local, a administração municipal deve dar suporte ao combate à pobreza de forma sustentável, garantindo a cada cidadão o acesso aos bens e serviços públicos que permitem o desenvolvimento humano, dito, inclusive na Constituição de 1988 e Art. 215 que reitera que “*o Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais.* ”. Ou seja, a Cultura é um direito constitucional de todos os cidadãos e com isso, legitima-se as intervenções do Estado no campo cultural, o que dá base para políticas públicas elaboradas e aplicadas em nosso país.

Furtado, nesse sentido reitera o papel do Estado na promoção do desenvolvimento:

Impõe-se formular uma política de desenvolvimento com base numa explicitação dos fins substantivos que almejamos alcançar, e não com base na lógica dos meios (...) “A superação do impasse com que nos confrontamos requer que a política de desenvolvimento conduza a uma crescente homogeneização de

nossa sociedade e abra espaço à realização das potencialidades de nossa cultura" (...). "a questão central se limita a saber se temos ou não possibilidade de preservar nossa identidade cultural" (Furtado, 2002, p. 36).

O desenvolvimento que se busca através da atividade turística de base comunitária é, antes de mais nada, um desenvolvimento em escala humana, que atenda as demandas sociais. Nele, o homem passa a ser a medida de todas as coisas e não apenas os índices quantitativos e o lucro.

A gestão local deve desenvolver programas em que se possa utilizar os recursos econômicos, humanos e culturais através de um sistema que gere rendimentos utilizando-se dos recursos disponíveis para riquezas e melhoria da qualidade de vida da população.

Presencia-se, então, uma ruptura com um modo anterior de vida essencialmente extrativista, fato este que confere uma nova lógica na dinâmica social econômica e cultural no lugar.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

As contribuições de Celso Furtado para o desenvolvimento sob a perspectiva cultural, tem amplas possibilidades de aplicação à atividade turística de base local. Em áreas de proteção ambiental, a execução da atividade turística culmina no fortalecimento de organizações locais, fornece ferramentas para implementação do gerenciamento cooperativado e distribuição do poder público sobre os recursos do turismo, acresce valor aos produtos extraídos e atrativos turísticos (naturais, culturais, econômicos e sociais).

Apesar disso, ainda são incipientes as metodologias que sejam capazes de promover o desenvolvimento de localidades em áreas protegidas utilizando o turismo de base comunitária e a valorização do patrimônio cultural imaterial e material, que nas análises de Furtado também são mola propulsora do desenvolvimento.

Reitera-se a necessidade de estudos e de políticas públicas sistemáticas para que comunidades que ainda não estão submetidas a lógica do sistema capitalista, possam ter sua cultura reconhecida e valorizada.

A comunidade precisa ser protagonista desse processo de desenvolvimento, fomentar o chamado desenvolvimento endógeno de forma a maximizar o seu papel

criativo. “A endogeneidade outra coisa não é senão a faculdade que possui uma comunidade humana de ordenar o processo acumulativo em função de prioridades por ela mesma definidas”. (FURTADO, 1984: 108).

Bibliografia

- FURTADO, C. *Dialética do Desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1964.
- _____. *Cultura e desenvolvimento em época de crise*. São Paulo: Paz e Terra, 1984.
- _____. *Em busca de um novo modelo: reflexões sobre a crise contemporânea*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- _____. *Ensaio sobre Cultura e o Ministério da Cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.
- _____. *Teoria e Política do Desenvolvimento Econômico*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- _____. *Criatividade e Dependência na civilização industrial*. São Paulo: Circulo do Livro, 1978.
- _____. *El mito del desarrollo y el futuro Del tercer mundo*. In: CONSUEGRA, J. Obras Escogidas de Celso Furtado. Antología del pensamiento económico y social de América Latina. V. 5. Bogotá: Plaza & Janes/Sociales, p.180, 1982b.
- _____. *O longo amanhecer: reflexões sobre a formação do Brasil*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- _____. *O mito do desenvolvimento econômico*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.
- Globalização em Tempos de Regionalização – Repercussões no Território Santa Cruz do Sul, RS, Brasil, 9 a 11 de setembro de 2015*
- _____. *Pequena introdução ao desenvolvimento: enfoque interdisciplinar*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1980.